

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

**A DIVERSIDADE NA IBA 1987 EM BERLIM:
FRAGMENTAÇÃO E PLURALIDADE**

Mara Oliveira Eskinazi

FORMAÇÃO E FILIAÇÃO ACADÊMICA:

Arquiteta e Urbanista, formada em 2003/02 pela Faculdade de Arquitetura da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Mestranda desde 2005/02 do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR)
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

ENDEREÇO:

Rua Gen. Florêncio Ygartua, 491/23
Bairro Rio Branco
CEP: 90.430-010
Porto Alegre – RS – Brasil

telefones: (51) 3332-3576/ (51) 9126-7668
fax: (51) 3222-4246
e-mail: maraoe@via-rs.net

A DIVERSIDADE NA IBA 1987 EM BERLIM: FRAGMENTAÇÃO E PLURALIDADE

RESUMO

A revisão do Movimento Moderno gerou, a partir da década de 60, importantes teorizações que serviram de pano de fundo para a implementação de requalificações em centros urbanos históricos, que, segundo Aldo Rossi e Jane Jacobs, são as regiões das cidades que mais necessitariam ser objeto de intervenções. A IBA (*Internationale Bauausstellung*), exposição realizada em Berlim em 1987 foi fruto desse tipo de teorização, e encontrou sua fundamentação conceitual no tema “o centro urbano como lugar para viver”. Este objetivo de atuar no centro urbano foi uma resposta aos anos de descaso com a crescente degradação das áreas centrais da cidade.

A exposição, desenvolvida sob os princípios de “reconstrução crítica” e “renovação cautelosa da cidade”, contou com a construção de 3500 unidades residenciais concentradas em cinco regiões da cidade. A IBA foi idealizada como oposição ao formato das exposições anteriores realizadas em Berlim, que promoviam a busca por um ideal urbano a ser reproduzido, e fundamentou-se na recomposição do tecido urbano semi-destruído através da evocação de elementos da cidade tradicional – praças, pátios internos, caminhos –, tornando o tecido histórico da cidade o estruturador da recuperação da vida pública coletiva.

A exibição objetivava, portanto, delinear uma imagem uniforme do centro urbano, buscando um caminho de diálogo entre o tradicional e o moderno. Além disso, procurou evidenciar as visíveis contradições do moderno, não no sentido de estabelecer uma ruptura, mas na busca do desenvolvimento de uma arquitetura identificada com as condições locais, culturais e temporais.

O enfrentamento da realidade da cidade existente e de seus problemas, e não a criação de uma nova realidade, estava entre as premissas básicas para implementação da exposição. Assim, a IBA promoveu a reconstrução de trechos da cidade priorizando, além do seu traçado urbano original, um planejamento seguindo a lógica da mescla de funções, em oposição ao zoneamento monofuncional ditado pelo Movimento Moderno.¹

Entretanto, na busca pela pluralidade, Kleihues opta por um modelo – reforçando a idéia de ausência de uma linha única de pensamento no quadro da arquitetura do momento – onde a participação simultânea de arquitetos internacionais possibilitou retratar um momento singular e multifacetado decorrente da crítica ao Movimento Moderno.² Assim, as lógicas demonstrativa e organizacional da exposição possibilitaram a coexistência de uma enorme variedade de padrões residenciais, que a conduziram a uma natureza de modelos extremamente fragmentados. Isto é consequência da lógica interna de uma exposição de arquitetura que sacrificou a eficácia urbana dos projetos em favor da ideologia do pluralismo cultural.

Kleihues defendia um pluralismo entendido como a confrontação simultânea de distintos pontos de vista, e como a impossibilidade de se chegar a uma teoria única e definitiva, assim como demonstrava uma aversão a teorias urbanas homogeneizadoras ao criticar conjuntos habitacionais como Gropiusstadt e Märkisches Viertel. Portanto, se sob o ponto de vista quantitativo os resultados alcançados foram positivos em termos de número de habitações construídas, do ponto de vista qualitativo o que resultou são “*diferentes exemplos arquitetônicos organizados como se fossem peças rivalizando uma com a outra*”.³

Portanto, em todo o processo de debate gerado pela IBA, o mais evidente foi a confirmação de que Berlim, mesmo após a reunificação, continua sendo uma cidade de distintas realidades, cuja fragmentação e pluralidade estão longe de gerar uma convergência, seja a nível cultural, político ou arquitetônico. Esta se constitui a problematização inicial deste artigo, ou seja, observar, através de um interesse na vertente pluralista e diversificada da requalificação urbana e arquitetônica promovida pela IBA, as variantes que fizeram com que a exposição permitisse a coexistência não só do passado da cidade com os novos edifícios residenciais construídos, mas a coexistência de padrões tão diversificados de arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE(03): IBA – centro urbano – pluralidade

¹ “Aplicando uma estratégia diferenciada segundo cada área, Kleihues objetivará uma pluralidade na totalidade. Por totalidade, leia-se memória histórica; e por pluralidade, leia-se a inserção de Berlim no debate arquitetônico do momento”. PASSARO, Laís Bronstein. Fragmentos de uma crítica: revisando a IBA de Berlim.

² PASSARO, Laís Bronstein. Fragmentos de uma crítica: revisando a IBA de Berlim.

³ SIEDLER, Wolf Jobst. Revista Casabella, outubro de 1984.

THE DIVERSITY OF BERLIN'S IBA 1987: FRAGMENTATION AND PLURALITY

ABSTRACT

The review of the Modern Movement, from the 60s and on, created important theorizations that served as background for the development of requalifications in the urban historic centers. These areas, according to Aldo Rossi and Jane Jacobs, are the regions of the city that need the most to be the target of interventions. IBA (*Internationale Bauausstellung*), the exhibition that took place in Berlin in 1987, was a result of this kind of theorization and its fundamentals lies on the theme "the city center as a place to live". The aim of intervening in the urban center was to reply to the years of disregard to the growing decay of the central areas of the city.

The exhibition was developed under the principles of "critical reconstruction" and "careful urban renewal", and involved the construction of 3500 residential facilities placed in five regions of the city. IBA was created as to oppose the former exhibitions that took place in Berlin, which were searching for an idealistic urban scenario to be reproduced. Therefore, IBA based its works in the rearrangement of the semi-destroyed urban scenario. This would be accomplished by means of an evocation of elements of the traditional city, such as parks, courtyards and walks, and making the historical scenario of the city the structuring element of the recovery of the public life.

Therefore the exhibition aimed at laying and uniform image of the urban center by means of a dialog between tradition and modernity. Other than that it tried to spot the contradictory elements of the modern, not in a sense of creating division in the movement but in a sense of developing an architecture that identifies itself with local, cultural and epoche conditions.

Facing the reality of the city with its problems, and not creating a new reality, was the basic premise for the creation of the exhibition. Therefore IBA promoted the rebuilding of some parts of the city focusing, other than its original lines, in planning mixing functions, as opposed to the monofunctional zoning dictated by the Modern Movement.

Nevertheless, in its search for plurality, Kleihues chooses a model – emphasizing the idea of absence of a single line of thinking in the frames of that moment's architecture – where the presence at the same time of international architects allowed a glimpse of that moment's singularity and diversification due to the criticism of the Modern Moment. Therefore, the demonstrative and organizational logics of the exhibition allowed the coexistence of a huge amount of residential patterns that lead to a nature of extremely fragmented models. This is the consequence of the internal logic of an architecture exhibition that sacrificed urban efficiency of projects to an ideology of cultural pluralism.

Kleihues defended a pluralism that he understood as the simultaneous confrontation of different points of view and as the possibility to achieve a unique and final theory. In the same sense he showed his complete disregard for urban theories that tried to homogenize when he criticized the large housing estates on the outskirts such as Gropiusstadt and Märkisches Viertel. Therefore, if from the quantitative point of view the results reached were positive due to the number of houses built, from the qualitative point of view the results are "different architectural examples organized as if they were competing one against each other".

As a result, in all the debate process created by IBA, the most clear was the confirmation that Berlin, even after reunited, continues to be a city with many realities, which fragmentation and plurality are far from converging. That is true in the cultural, political or architectural level. This is the initial problematic of this research, that is, to observe, with special interest in the pluralist and diversified aspects of the urban and architectural requalification promoted by IBA, the conditions that allowed the exhibition to conciliate not only the past of the city with the newly constructed residential buildings, but also the co-existence of such diversified patterns of architecture.

KEY WORDS (03): IBA – city center – plurality

A DIVERSIDADE NA IBA 1987 EM BERLIM: FRAGMENTAÇÃO E PLURALIDADE

A década de 60 testemunhou importantes acontecimentos para a história da cidade de Berlim, acontecimentos estes que exerceram influência determinante na (re-) configuração de seu tecido urbano – que, após os bombardeios provocados pela II Guerra Mundial, encontrava-se parcialmente destruído. O episódio histórico mais marcante culminou na construção, em 1961, do Muro de Berlim, que representou uma forma de destruição especialmente brutal para a cidade, já que promoveu uma separação urbanística e funcional do seu centro histórico.

Além disso, na mesma década de 60 a revisão do Movimento Moderno gerou importantes teorizações que serviram de pano de fundo para a implementação de requalificações em centros urbanos históricos, que, segundo Aldo Rossi⁴ e Jane Jacobs⁵, são as regiões das cidades que mais necessitariam ser objeto de intervenções. A IBA (*Internationale Bauausstellung*), exposição realizada em Berlim em 1987 foi fruto desse tipo de teorização, e encontrou sua fundamentação conceitual no tema “o centro urbano como lugar para viver”.

A idéia de realizar uma nova exposição internacional de arquitetura em Berlim já fazia-se presente no meio arquitetônico desde 1974, quando Hans Christian Müller, Diretor de Construções do Senado, planejou a “Interbau 1981”. Baseando-se nas propostas de um concurso urbanístico realizado em 1973, ele propôs uma intervenção na área conhecida como “Quartirão Diplomático”, localizada ao redor do Landwehrkanal, ao sul do Tiergarten. A nova exposição começaria a partir de discussões a respeito dos resultados obtidos pela Interbau 1957, que foi, acima de tudo, uma demonstração de alto calibre do Modernismo internacional do pós-guerra em uma área residencial localizada em pleno centro urbano e em meio a uma ampla área verde.

No entanto, ao contrário da idéia de Müller, que havia proposto uma exposição isolada nas proximidades do Tiergarten, se buscava a realização de um evento integrado em que as áreas degradadas e periféricas ao Muro deveriam ser restauradas através de um plano de ação diferenciado segundo as diferentes necessidades locais. Em 1977, esta idéia começa a ser questionada através da publicação de uma campanha no jornal *Berliner Morgenpost* coordenada por Josef Paul Kleihues e Wolf Jobst Siedler chamada “*Modelle für eine Stadt*” (modelos para uma cidade).

Na campanha do *Berliner Morgenpost* foram apresentados artigos dos arquitetos James Stirling e Charles Moore, e dos historiadores Wolfgang Pehnt e Heinrich Klotz, assim como de Siedler e Kleihues. Kleihues propôs o programa da exposição de arquitetura “*como uma parte de um longo programa de reparação e desenvolvimento urbano*”. Um número de contribuições seguiu nos meses subseqüentes, como por exemplo propostas para revitalizar locais selecionados da cidade,

⁴ ROSSI, Aldo. A Arquitetura da cidade.

⁵ JACOBS, Janes. Morte e vida nas grandes cidades.

em Meinekestrasse, em Charlottenburg, ou em Prager Platz, em Wilmersdorf. Esta forma de discussão, que até então foi conduzida principalmente pelas comissões responsáveis e pelo círculo de especialistas, abriu perspectivas além da mera consciência do estado deplorável que o centro da cidade se encontrava – um forte indicativo desta tendência foi o fato de renomados arquitetos internacionais oriundos de países como Inglaterra, Itália e Estados Unidos estarem visivelmente direcionados para o planejamento urbano.⁶

A campanha tinha, portanto, como objetivo principal fazer com que a Câmara Municipal desistisse de desenvolver uma intervenção em um ponto isolado da cidade, fornecendo, assim, as bases para a aprovação do projeto da IBA. Kleihues e Siedler visavam, com isto, realizar um projeto integrado, que utilizasse diversas áreas da cidade para abrigar uma nova exposição. Deste modo, a nova exposição cumpriria com o objetivo de favorecer a restauração de zonas centrais da cidade, cujas carências eram evidentes.⁷

Assim, quando a Câmara Municipal de Berlim decidiu, em 1978, organizar outra exposição internacional de arquitetura, os princípios relacionados com a vida pública que ajudaram a conformar a história inicial do evento foram também construídos dentro do próprio empreendimento: *“A exposição irá influenciar consideravelmente a imagem espiritual de Berlim, e, portanto, exige que a qualidade da vida pública na cidade seja cuidadosamente tratada. Aqui a participação de arquitetos internacionais é vista como condição sine qua non”*.⁸

Portanto, apesar da tradição alemã e berlinense em realizar exposições de arquitetura, a IBA começa a ser delineada a partir de premissas diferentes das utilizadas em exposições anteriores, e é especialmente planejada para se desenvolver em outras direções. A idéia de que não deveria ser somente uma apresentação tradicional de novos edifícios havia obtido, com a publicação da campanha no jornal, um considerável progresso, e deste modo a exposição foi tornada pública de modo mais abrangente.

Além disso, ela surge em um contexto de crítica aos planos de reconstrução apresentados até a década de 60, que não ofereciam medidas concretas para solucionar os problemas de degradação crescente das antigas áreas centrais da cidade cortadas pelo Muro. Portanto, a exposição apresenta-se como um meio de intensificar as críticas ao modelo de cidade baseado em fundamentos do Movimento Moderno, principalmente no que diz respeito à perda da identidade dos novos bairros; para alcançar este objetivo, utiliza-se, entre outros, do retorno ao uso de materiais e estruturas tradicionais da cidade.⁹

⁶ SCHÄTZE, Andréas. A Matter for the Polis. Cities, Architecture And The Public In Germany.

⁷ PASSARO, Laís Bronstein. Fragmentos de uma crítica: revisando a IBA de Berlim.

⁸ SCHÄTZE, Andréas. *Op. Cit.*.

⁹ PORTOGHESI, Paolo. Quality vs Quantity. Revista Domus, nº 623, dezembro de 1981.

O RENASCIMENTO DA ALEMANHA DO PÓS-GUERRA E A BERLIM DIVIDIDA PELO MURO

Com o término da II Guerra Mundial, as forças aliadas dos Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra e França dividiram Berlim em quatro setores, e em 1946 começaram os trabalhos de reconstrução da cidade. As demandas de tarefas eram enormes, e os equipamentos técnicos e a força de trabalho disponíveis eram insuficientes. Essa situação resultante da guerra provocou a realização de temerários projetos urbanísticos – diz-se temerários principalmente devido às pressões e à rapidez com que foram planejados – com o intuito de renovação da cidade, que não chegaram a ser executados, como o *Kollektivplan*”, realizado por Hans Scharoun em 1946.¹⁰

*“A febril virada econômica que começou nos primeiros anos da República Federativa da Alemanha foi euforicamente bem-vinda como um milagre enraizado em solo árido. A democratização que aconteceu politicamente desde 1945 não provocou quase nenhum impacto na indústria. (...) As oportunidades políticas, sociais e arquitetônicas na Alemanha foram enormemente desperdiçadas, no incessante empenho de ser as mais eficientes, rápidas e baratas possível”.*¹¹

Em 1948, a assinatura do Plano Marshall transformou a reconstrução dos setores aliados do oeste em um fundamento político para que acontecessem, entre outras repercussões, o bloqueio da Berlim Ocidental e a fundação da DDR (*Deutsche Demokratische Republik*, ou República Democrática da Alemanha), com Berlim Oriental como capital. Contudo, a partir de 1950, a situação econômica em Berlim melhora, apesar da chegada no lado ocidental de muitos refugiados vindos da Alemanha Oriental. Assim, mesmo com todas as dificuldades encontradas durante o pós-guerra, a vida cultural na cidade florescia novamente: a *Berliner Universität* reabriu em 1946, e duas universidades foram fundadas - a *Technische Universität* e a *Freie Universität*; a cena teatral ressurgiu com sucessos internacionais; em 1947 a imprensa estava novamente produzindo 20 jornais; em 1952, começa a ser construída, no lado oriental, a Stinallee (hoje Karl-Marx-Allee), avenida de proporções monumentais que é reflexo do sistema socialista vigente na Berlim Oriental, uma vez que apresenta eixos hierarquicamente organizados e uma arquitetura extremamente classicista.¹²

No entanto, de um modo geral, o desenvolvimento urbano na Alemanha no período após o final da II Guerra até a década de 70, que se concentrou acima de tudo em conjuntos residenciais para suprir as deficiências causadas pela guerra, foi um capítulo nada glorioso na sua história arquitetônica. A partir do final dos anos 50, os terrenos nos centros urbanos caíram em grande parte nas mãos dos interesses comerciais, como resultado de uma má política das terras e de

¹⁰ IMHOF, Michael e KREMPEL, Leon. *Op. cit.*

¹¹ LAMPUGNANI, Vittorio Magnano. From large housing estates on the outskirts to rebuilding the inner city – urban development debates in Germany 1960-1980, in *The art of Urban Architecture*.

¹² IMHOF, Michael e KREMPEL, Leon. *Op. cit.*

uma brutal especulação, o que levou os conjuntos habitacionais a serem retirados dos centros urbanos, substituídos por edifícios comerciais e levados para as regiões periféricas das cidades. Assim, nos primeiros anos após o fim da II Guerra Mundial, Berlim era uma cidade que apresentava uma especial e decidida vontade de promover demolições. Contudo, essa vontade não era manifestada somente na destruição dos edifícios com heranças políticas; era expressa também no esforço de readaptar a cidade aos novos conceitos urbanísticos fundamentais vigentes na época, esforço este concretizado em significativas oportunidades de colocar em prática os princípios da Carta de Atenas. Hans Stimman, diretor do setor responsável por coordenar a política de construções de Berlim entre 1991 e 1996, confirma esta inclinação existente na cidade no período do pós-guerra por promover demolições ao afirmar que *“Arquitetos, urbanistas e políticos do pós-guerra viviam tanto no lado ocidental quanto no lado oriental da cidade com ódio do passado e confiança no progresso”*.¹³

Além disso, os problemas oriundos pela enorme pressão de produção e pela introdução do método industrializado de construir surgiram contra uma cultura arquitetônica enormemente despreparada e por vezes positivamente ingênua. O projeto tradicional e os métodos de manejar com o lugar não eram mais adequados em face do tamanho dos projetos e da complexidade das exigências: o projetista individual foi substituído por uma equipe ou por uma firma de arquitetos, e processos derivados das ciências aplicadas e da indústria da engenharia foram aproveitados para a construção. Tudo isto aumentou a eficiência da produção arquitetônica, e, ao mesmo tempo, o controle sobre o que estava realmente acontecendo foi perdido. Portanto, se realmente houve um vácuo intelectual no precipitado *revival* da *“Neues Bauen”*, os edifícios refletem este vácuo.¹⁴

Então, pode-se afirmar que foi em grande parte por razões econômicas que a competição entre arquitetura tradicional e a moderna na Alemanha do pós-guerra foi abruptamente decidida em favor da última: ela era mais apropriada para os métodos de produção industrial e capitalista.

Contudo, os fatores políticos desencadeados no final da década de 40 e ao longo da década de 50 estimularam as motivações ideológicas do processo de divisão do leste e do oeste, cujo ponto alto culminou com outra forma especialmente brutal de destruição do planejamento urbano da cidade: a construção do Muro de Berlim. O Muro foi construído na madrugada do dia 13 de Agosto de 1961, e dele faziam parte 66,5 km de gradeamento metálico, 302 torres de observação e 127 redes metálicas eletrificadas com alarme.

A partir de então, em ambas partes de Berlim, diferentes conceitos urbanísticos foram seguidos, apresentando-se geralmente concorrentes um ao outro. Assim, depois de ter convertido a cidade em ruínas, os urbanistas do pós-guerra, tanto no leste quanto no oeste, concretizaram suas idéias radicais no planejamento histórico da cidade, já que Berlim foi, durante as décadas da divisão, palco de uma ambiciosa competição entre o sistema capitalista e o sistema socialista em matéria

¹³ STIMMANN, Hans. Von der Architektur zur Stadtdebatte. Die Diskussion um das Planwerk Innenstadt.

¹⁴ LAMPUGNANI, Vittorio Magnano. From large housing estates on the outskirts to rebuilding the inner city – urban development debates in Germany 1960-1980, in *The art of Urban Architecture*.

de urbanismo e arquitetura. Os dois sistemas tinham em comum a decisão de destruir a estrutura existente de ruas e praças, assim como a quase total demolição dos edifícios antigos. Assim, com o surgimento da nova época, a Berlim do passado deveria converter-se em uma cidade nova, dependente de posições partidárias, mas em ambos os casos uma cidade feita para o carro.

Durante este período de existência do muro, então, Berlim exerceu um papel de símbolo da Guerra Fria. Cada lado viu a reconstrução da cidade como vitrine para o outro, e ambos sistemas espelharam-se em seus planos urbanísticos. A cidade capitalista concentrou suas atividades comerciais e financeiras no entorno da rua Kufürstendamm; já no leste, os projetos socialistas foram demonstrados nos edifícios residenciais da Stalinallee, que formam uma das mais evidentes estruturas celulares da cidade socialista, e na remodelação de grandes espaços urbanos. As edificações que abrigaram, no oeste, atividades de comércio e mercado, elementos estruturais pelos quais Berlim Ocidental tornou-se conhecida, apresentam um paralelo, no leste, com os edifícios administrativos estatais. Ambos centros da cidade foram incentivados a afastarem-se um do outro – um da Alexander Platz em direção a Stalinallee, e o outro ao longo da rua Kufürstendamm, com o apoio do restante das atividades comerciais do pós-guerra. Esta orientação foi possibilitada devido à nova ordem existente, e foi promovida através da substituição de ruas, da reconstrução e da nova disposição das zonas residenciais, do projeto do aeroporto e através do fechamento de estações de trem. Apesar de se tratarem de enormes transformações na cidade, elas começaram em primeiro lugar através da adaptação das paisagens urbanas históricas à nova situação, e, logo após, através do movimento das estruturas urbanas.¹⁵



Figuras 1 e 2 – Muro de Berlim: vista do observador e vista aérea.

¹⁵ SCOTT-BROWN, Denise e VENTURI, Robert. Berlin, Berlin – Architektur für ein neues Jahrhundert.

Portanto, apesar da divisão de Berlim e de sua posição como “ilha”, a cidade exerceu por muitos anos após o término da II Guerra Mundial, devido ao impulso desencadeado pelo enorme volume de construções e reconstruções realizados na cidade, o papel de centro experimental e de fonte de idéias para uma nova arquitetura e um progressivo desenvolvimento urbano. Por mais de 40 anos, foram desenvolvidos diversos projetos, tanto no leste como no oeste, que deram um impulso decisivo para o desenvolvimento arquitetônico e urbanístico da cidade e do país – na época também dividido.¹⁶

No entanto, a partir de fins da década de 60 e do princípio da década de 70 os alemães-orientais passaram a perceber que a meta do Estado de alcançar o nível econômico da Alemanha Ocidental não passava de ilusão. Não havia recursos suficientes para financiar a mecanização e automatização da produção, faltavam materiais para a reforma das moradias degradadas. Na verdade, a Alemanha Oriental, já nos anos 70, começou a viver além de suas possibilidades. A crise econômica mundial provocada pela alta dos preços do petróleo atingiu plenamente o país. Por mais que se cortassem as importações, as dívidas foram aumentando.

A decepção com a economia foi, portanto, um dos impulsos determinantes para que se iniciassem, a partir da década de 70, os primeiros passos indicando que a cidade começava a abrir-se para o processo de queda do Muro. Assim, algumas negociações políticas começaram a resultar em pequenos progressos no sentido de reunificar as duas Alemanhas.

Em 1969, o social-democrata Willy Brandt assume o governo na República Federativa e dá início ao processo de abertura política para o leste – processo por ele cunhado de *Ostpolitik*, e que lhe rendeu o prêmio Nobel de Paz em 1971. Paralelamente, Bonn e Berlim Oriental sondavam as possibilidades de um melhor entendimento, reunindo pela primeira vez, em março de 1970, os chefes de governo das duas Alemanhas. Também em 1971, a República Federativa e a República Democrática concluíram o Acordo de Trânsito, que facilitou visitas e viagens entre ambos os lados, e que, juntamente com o Acordo dos Quatro Poderes, que estabeleceu que os setores ocidentais de Berlim não eram parte integrante da República Federal da Alemanha, tomaram força a partir de 1972.

Um dos primeiros atos de Willy Brandt após sua reeleição, ocorrida em 1972, foi concluir o Tratado de Base entre a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental. Nele, os dois Estados alemães abdicavam do uso da violência e reconheciam suas fronteiras, prometendo respeitar a autonomia um do outro. Com a nova fórmula cunhada por Brandt – “Dois Estados alemães numa só nação” –, consumava-se uma grande mudança na política entre as duas Alemanhas, já que, aos poucos, a coexistência entre ambas deveria transformar-se em cooperação.

¹⁶ IMHOF, Michael e KREMPEL, Leon. *Op. cit.*

Helmut Kohl, sucessor de Helmut Schmidt que liderou a Alemanha Ocidental a partir de 1982, deu importantes passos no sentido de manter a continuidade na política de segurança do governo alemão. Além disso, o governo de Kohl deu prosseguimento à política de aproximação da Alemanha com o bloco do leste. A *perestroika* e a *glasnost*, as grandes reformas introduzidas por Mikhail Gorbatchov, em breve mudariam a face do mundo.

No ano de 1987 relevantes acontecimentos desenvolveram-se indicando que a cidade de Berlim encaminhava-se para um lento processo urbano de reunificação. O chefe de Estado da Alemanha Ocidental, Erich Honecker, fez uma visita oficial a Bonn em setembro de 1987. No mesmo ano, quando Berlim festejava 750 anos de sua fundação, o presidente norte-americano Ronald Reagan visitou a cidade dividida. "*Sr. Gorbatchov, abra esse portão, derrube esse muro!*", conclamou Reagan. A IBA, cujos planejamentos e bases lançados por Josef Paul Kleihues na década de 70 foram propostos visando que no futuro a cidade voltaria a ser unificada¹⁷, foi inaugurada também em 1987, e sua inauguração foi marcada pelas comemorações do 750º aniversário de Berlim. No entanto, a queda do Muro de Berlim, desejada por muitos, mas que para alguns não parecia passar de um sonho, terminou acontecendo somente dois anos após, em novembro de 1989.



Figuras 3 e 4 – Queda do Muro de Berlim em novembro de 1989.

¹⁷ Em entrevista realizada em fevereiro de 2006 com Jan Kleihues, filho de Josef Paul Kleihues, este afirmou que o pai demonstrava uma enorme convicção de que o Muro de Berlim no futuro, mesmo que incerto, cairia; prova disto é que Kleihues planejou a IBA nas áreas próximas ao muro prevendo uma continuidade explícita entre a malha urbana de ambos os lados.

FRAGMENTAÇÃO E PLURALIDADE

Mesmo após o impulso construtivo pelo qual Berlim passou nos anos subseqüentes ao final da II Guerra Mundial, a cidade ainda chega na década de 80 apresentando um grande déficit habitacional. Além disso, o que um dia havia sido constituído como seu centro, encontrava-se degradado, e a cidade apresenta-se, por diversos motivos, fragmentada como um todo. A IBA foi implementada, portanto, em um momento em que as regiões centrais de Berlim necessitavam passar por um claro processo de reconsideração das formas tradicionais de organizar o espaço urbano.

A IBA concentrou suas iniciativas de intervenção em cinco diferentes regiões da cidade, mantendo o objetivo inicial de atuar em prol da recuperação de áreas centrais da cidade. Seu programa original era conformado pela construção de 3500 novas unidades residenciais, das quais 2800 estavam concluídas na época da sua inauguração. A exposição atuou através de duas políticas de intervenção: a *Neubau*, ou setor de novas construções – desenvolvido sob a direção de Josef Paul Kleihues e concentrado nas regiões de Tegel, Prager Platz, região ao sul do Tiergarten e região ao sul de Friedrichstadt – e a *Altbau*, ou setor de renovação de antigas construções – desenvolvido sob a direção de Hardt-Waltherr Hämer e concentrado nas regiões de Luisenstadt e Kreuzberg.

A fundamentação conceitual da IBA foi baseada no tema “o centro urbano como lugar para viver” (*die Innensatdt als Wohnort*), e este objetivo de atuar claramente no centro da cidade veio a ser uma resposta aos vários anos de descaso dos governantes ao estado de degradação crescente de determinadas áreas da cidade. As áreas centrais circundantes ao Muro, principalmente Friedrichstadt Sul e Kreuzberg, foram gravemente afetadas não só pelas destruições da guerra, mas também pelos vários planejamentos subseqüentes que promoveram demolições e desestruturação urbana através de novos traçados viários. Neste sentido, a IBA posiciona-se claramente quanto ao seu papel dentro da história urbana de Berlim, já que o esvaziamento do centro urbano constituía uma questão chave que a exposição deveria reverter, a partir da criação de melhores condições de vida para as áreas abandonadas.

“A arquitetura atuaria como um meio para a transformação de uma realidade, e não a transformação propriamente dita. Tal processo estaria centrado na requalificação do espaço público, entendido como o espaço vital da cidade. À sua existência anterior quase residual, o espaço público estaria agora destinado a abarcar um somatório de usos relacionados à vida urbana. Os edifícios, desenho urbano e equipamentos deveriam ser pensados de modo que cada trecho da cidade oferecesse uma dinâmica urbana capaz de transformar-se constantemente, e não mais constituíssem um modelo estático e segregado dentro da cidade.”¹⁸

¹⁸ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*

Desenvolvida sob os princípios de “reconstrução crítica” e “renovação cautelosa da cidade”, a exposição foi deste modo idealizada como uma oposição ao formato das exposições anteriores realizadas em Berlim, que promoviam a busca por um modelo de ideal urbano a ser reproduzido. A IBA tratou, assim, de particularizar o tratamento dos problemas urbanos segundo distintas solicitações¹⁹, através do enfrentamento da realidade da cidade existente e de seus problemas, e não da criação de uma nova realidade, e fez com que Berlim, nos anos 80, tenha se convertido novamente em um campo de experimentação arquitetônica, assistindo a possibilidade de confrontar a nova arquitetura com a cidade e com a sua história.²⁰

A *Neubau*, o setor da IBA responsável pelas novas construções, procurou estabelecer estratégias de reconstrução e renovação de regiões centrais próximas ao muro e de regiões degradadas da cidade através do princípio da “reconstrução crítica”; assim, este braço da exposição objetivava delinear uma imagem uniforme do centro urbano, buscando um caminho de diálogo entre o tradicional e o moderno, e objetivando evidenciar as visíveis contradições do moderno, não no sentido de estabelecer uma ruptura, mas na busca de um permanente desenvolvimento de uma arquitetura relacionada e identificada com as condições de local, cultura e época existentes.



Figura 5 – Imagem aérea da cidade de Berlim mostrando, em amarelo, as áreas de intervenção da IBA.

¹⁹ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*

²⁰ DE GRACIA, Francisco. *Construir en lo construído – la arquitectura como modificación.*

Kleihues expressava a convicção de que existe uma ligação estreita e inquebrável entre a arquitetura da cidade e seus edifícios, que também a forma, e não só a função de uma cidade é importante, e que desenvolvimento urbano e memória devem ser considerados conjuntamente. Com isto, a estrutura histórica da cidade tornou-se a base do desenvolvimento do centro urbano.²¹



Figura 6 – Mapa da área central de Berlim mostrando as áreas de intervenção da IBA nas regiões ao sul do Tiergarten e ao sul de Friedrichstadt. A estrutura histórica da cidade, utilizada como base para o desenvolvimento do projeto urbanístico da IBA, mostra-se em evidência.

²¹ STIMMAN, Hans. The way back to the architecture of metropolis Berlin.

A “reconstrução crítica” viria a tornar-se uma resposta a grande perda que as cidades sofreram com a eliminação da qualidade urbana pelo avanço do Modernismo do pós-guerra, que confirmou que o edifício individual estava em crise e que assistiu as conseqüências de uma reconstrução dos centros urbanos baseada no uso do automóvel – como conseqüência desta primazia do automóvel, as ruas e avenidas estavam se tornando um local predominantemente utilizado para estacionar os carros, e não para uso das pessoas. Deste modo, a reconstrução crítica não era só uma abordagem intelectual ou um método de projeto para Kleihues, ela deveria também produzir um modo diferente de representar a cidade em planta e elevação que fosse apropriado para as necessidades de desenvolvimento urbano. Kleihues sustenta que o que deveria ser feito era desenvolver as áreas inabitadas do centro urbano como um lugar para trabalho, lazer, consumo e cultura.

*“A IBA deve ser vista, sobretudo, como um protesto contra a destruição de Berlim ocorrida por planejamentos, projetos urbanos, critérios e modelos arquitetônicos utilizados após a II Guerra. Tal protesto só pode vir de um complexo, contraditório e real exercício de projetos arquitetônicos influenciados por uma visão global do fenômeno urbano de Berlim e seus problemas. (...) Em Berlim, nós não estamos preocupados principalmente com estilos: nosso interesse principal está em atacar o problema de construção da cidade. (...) Nós queremos demonstrar que é possível reconciliar a necessidade de inovação com a busca por soluções que sejam melhores e mais adaptáveis. O que deve ser redescoberto não é tanto a manipulação de certos elementos tradicionais da forma urbana, mas o espírito e a essência de **qualidade** urbana”.*²²

Deste modo, Kleihues promoverá, seguindo diretrizes de intervenção criteriosa, a reconstrução de determinados trechos da cidade priorizando, além do seu traçado urbano original e de suas variações, um planejamento seguindo a lógica da mescla de funções, em oposição ao zoneamento monofuncional ditado pelo Movimento Moderno. *“Aplicando uma estratégia diferenciada segundo cada área, Kleihues objetivará uma pluralidade na totalidade. Por totalidade, leia-se memória histórica; e por pluralidade, leia-se a inserção de Berlim no debate arquitetônico do momento”.*²³ Assim, na busca pela pluralidade, Kleihues opta por um modelo – visando reforçar a idéia de ausência de uma linha única de pensamento no quadro da arquitetura do momento – onde a participação simultânea de arquitetos internacionais possibilitou, através da IBA, retratar um momento singular e multifacetado decorrente da crítica ao Movimento Moderno.²⁴

²² KLEIHUES, Josef Paul. Entrevista na revista Domus, nº 623, dezembro de 1991.

²³ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*

²⁴ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*

No entanto, as lógicas demonstrativa e organizacional da exposição possibilitaram a coexistência de uma enorme variedade de modelos residenciais, que conduziram a exposição a uma natureza de modelos extremamente fragmentados. Este sistema foi ditado pela lógica interna de uma exposição de arquitetura que decidiu sacrificar a eficácia urbana dos projetos em favor da ideologia do pluralismo cultural. Kleihues defendia um pluralismo entendido como a confrontação simultânea de distintos pontos de vista, e como a impossibilidade de se chegar a uma teoria única e definitiva, assim como demonstrava uma aversão a qualquer teoria ou proposta urbana homogeneizadora ao criticar os conjuntos habitacionais construídos anteriormente em Berlim, como o Gropiusstadt e o Märkisches Viertel. Assim, sob o ponto de vista quantitativo, os resultados alcançados pela IBA foram extremamente positivos em termos de número de habitações construídas e restauradas; contudo, sob o ponto de vista qualitativo, o que resultou são *“diferentes exemplos arquitetônicos organizados como se fossem peças rivalizando uma com a outra”*.²⁵

“Os lemas da “cidade feita em partes” e da “cidade feita de fragmentos” foram usados freqüentemente para legitimar uma produção arquitetônica que corre o risco de tornar-se, aos olhos dos visitantes de Berlim em 1987, como um gigantesco zôo, como uma feira curiosa, ou novamente uma feira de comércio de arquitetura contemporânea”.²⁶

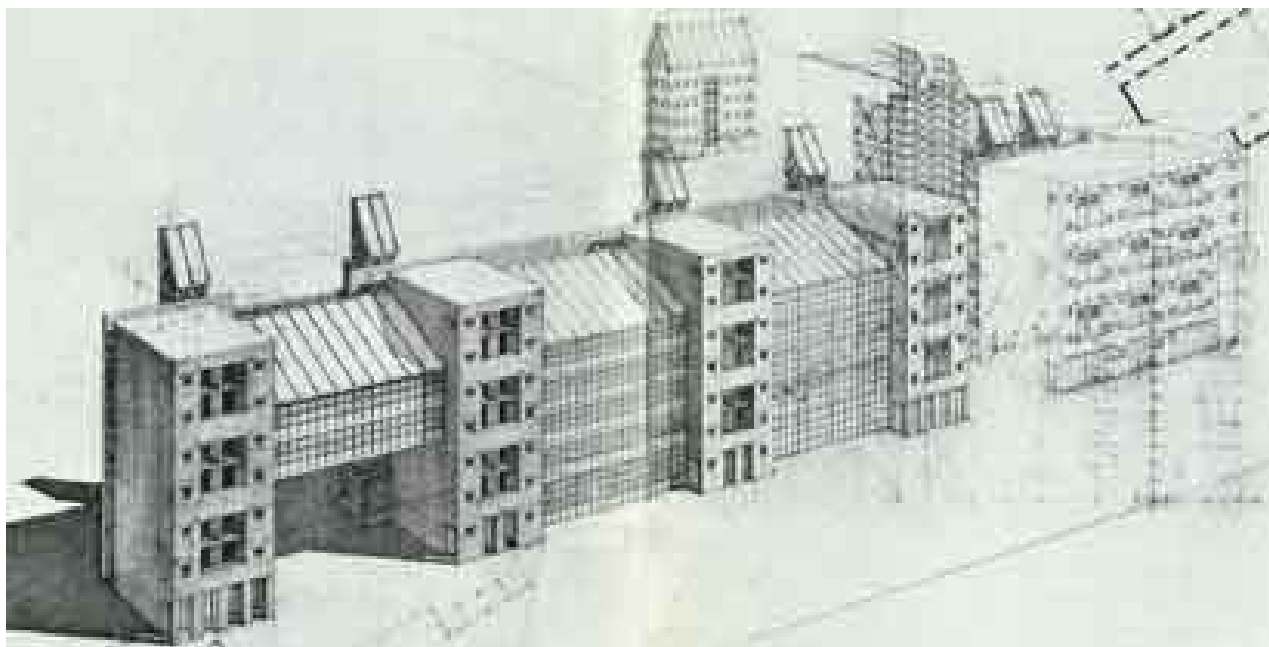


Figura 7 – Perspectiva de um dos projetos residências de Aldo Rossi para a IBA.

²⁵ SIEDLER, Wolf Jobst. Revista Casabella, outubro de 1984.

²⁶ CROSET, Pierre Alain. Berlim '87: A Construção do Passado. Revista Casabella, outubro de 1984.

AS CONTRIBUIÇÕES DE ALDO ROSSI E COLIN ROWE

*“(...) os participantes produziram o documento mais olímpico, retórico e essencialmente destrutivo que já surgiu dos CIAM: a Carta de Atenas. As cento e onze propostas que constituem a Carta consistem, em parte, de declarações sobre as condições das cidades, e em parte de propostas para a correção dessas condições, agrupadas sob cinco categorias principais: Moradia, Lazer, Trabalho, Transporte e Edifícios Históricos. O tom continua sendo dogmático, mas é também genérico e menos especificamente ligado a problemas práticos imediatos do que o que impregna os documentos de Frankfurt e Bruxelas. A generalização teve suas virtudes, pois trouxe consigo uma maior largueza de visão e insistiu em que as cidades só podem ser consideradas em relação às regiões que as circundam. Contudo, essa generalização persuasiva que confere à Carta de Atenas seu ar de aplicabilidade universal esconde uma concepção muito limitada tanto da arquitetura quanto do planejamento urbano, e, de modo equivocado, comprometeu os CIAM com: a) um zoneamento funcional rígido da planificação urbana, com cinturões verdes entre as áreas reservadas às diferentes funções, e b) um único tipo de moradia urbana, expresso nos termos da Carta, como ‘blocos de apartamentos altos e com bom espaço entre si, sempre que existir a necessidade de alojar uma alta densidade de população’. Hoje, trinta anos depois, não reconhecemos nisso nada além de uma preferência estética, mas na época teve a força de um mandamento mosaico e realmente paralisou as pesquisas sobre outras formas de moradia”.*²⁷

A caracterização realizada por Reyner Banham sobre as conquistas do IV Congresso do CIAM demonstra, de acordo com os termos críticos acima expostos, que a urgente demanda de reconstruir as cidades européias parcialmente destruídas na segunda guerra mundial trouxe à tona uma série de espaços urbanos projetados segundo os princípios modernos. Apesar da maioria destes projetos ter objetivado a criação de espaços urbanos confortáveis e socialmente mais justos, um significativo número deles não respondeu plenamente às necessidades humanas básicas diante do ambiente construído. Com isto, uma gradual e constante insatisfação entre os profissionais e usuários sobre a qualidade espacial desses ambientes urbanos começou a tomar corpo.

Surgem, a partir de então, importantes artigos relacionados ao momento particular da prática e da teoria arquitetônicas dos anos 1960 e do início dos anos 1970. Em 1961, Jane Jacobs publica o livro “Morte e vida nas grandes cidades”, indicando, através de questionamentos ao Movimento Moderno, as idéias errôneas sobre expectativas sociais que eram implicitamente assumidas pelos pensadores e agentes do modernismo; com isso, Jacobs forneceu razões para a ênfase nos estudos sociais que se desenvolveram desde então.

²⁷ BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina.

Segundo Jacobs, o problema residia na constatação de que o espaço arquitetônico ainda estava sendo produzido segundo os parâmetros ditados pelo Movimento Moderno, e, precisamente estes parâmetros, que são centrais à produção e ao uso do espaço arquitetônico e que presidem a organização do edifício como um todo, embora de vários pontos de vista, não estavam sendo o objeto da reflexão teórica. Mesmo quando o espaço arquitetônico constituía o centro da atenção, a desarticulação teórica entre partes de conhecimento sobre partes de edifícios era total.²⁸

Diversas outras críticas ao Movimento Moderno eclodem, e os principais argumentos incidem na crítica ao determinismo histórico – devido ao fato de haver uma negação do Movimento Moderno de que este esteja associado a antecedentes formais ou estilísticos – e ao funcionalismo arquitetônico. No que diz respeito aos princípios do funcionalismo, as teorias formuladas por Aldo Rossi em “A Arquitetura da Cidade” e por Colin Rowe em “Collage City” (que privilegiou o arranjo formal em relação ao funcional), influenciaram diretamente o desenvolvimento da IBA e fornecem-nos diversas explicações sobre os posicionamentos adotados por Kleihues na condução desta exposição. *“Mais do que afirmar-se como um novo movimento destinado a suplantá-lo seu antecessor, a chamada pós-modernidade denunciava-se a si mesma já pela utilização do prefixo pós, onde alguma relação com o período anterior é sugerida”.*²⁹

Grande parte dos eixos teóricos destacados na IBA de 1987, no que diz respeito a intervenções na cidade existente realizadas sob a ótica do Movimento Moderno, foram fundamentados através do conjunto de idéias disseminadas por Aldo Rossi principalmente em “A Arquitetura da Cidade”, onde, além de elaborar críticas sobre o “funcionalismo ingênuo”, Rossi defende que a cidade deve ser vista como uma construção indissociável de sua história e sua arquitetura. Rossi sustenta, também, que deve existir uma relação peculiar entre as edificações e a memória, a cultura e a tradição do lugar onde elas se encontram; ou seja, o tecido urbano histórico não deve ser ignorado, e as edificações não devem ser pensadas como objetos arquitetônicos individuais, mas sim como parte de um conjunto com o qual devem se relacionar.³⁰

*“A questão do lugar na IBA se concentra na redefinição do espaço tal como este se configurava anteriormente à interpretação consolidada pelo Movimento Moderno. O espaço como forma, um ente abarcável, específico, delimitado por seus elementos urbanos, aquele ‘vazio não-construído’ a que se refere Rowe. Acrescido a este resgate, associa-se toda uma visão estrutural da cidade como arquitetura, da história como instrumento, e da redefinição do público e do privado em base formal. A questão da arquitetura como objeto individual é descartada, diluindo os mais variados gestos particulares dentro de uma malha urbana pensada a partir da relação dialética entre a forma construída e a não-construída”.*³¹

²⁸ JACOBS, Jane. Morte e vida nas grandes cidades. São Paulo: M Fontes, 2001.

²⁹ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*

³⁰ ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. Lisboa: Edições Cosmos, 1977.

³¹ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*

Além da influência de Kleiuhues na insistência de Rossi no *locus*, no monumento e na tipologia, outras importantes diretrizes utilizadas por Kleiuhues na condução da IBA embasam-se nas formulações derivadas da crítica ao modernismo materializadas por Collin Rowe em “Collage City”. O método de composição arquitetônica defendido por Rowe, o *collage*, constitui-se da confrontação ou da associação dos fragmentos de uma estrutura urbana, gerando um jogo de contrastes cujos pressupostos não são apenas formais. Rowe propõe uma revalorização das relações entre os objetos e a estrutura que os contém, em detrimento do objeto arquitetônico individual, e sua proposta estabelece um caminho intermediário entre utopia e tradição, entre modelo ideal e contexto existente.³²

Além disso, o fato de Rowe admitir a condição fragmentada e pluralista do pensamento arquitetônico da época coincide com as teorias expostas por Kleiuhues, que também defendia a idéia de pluralismo. No entanto, o pluralismo de Kleiuhues deve ser entendido como o enfrentamento de diferentes pontos de vista e como a noção de “unidade na totalidade”, dando maior autonomia a determinados elementos dentro de um tecido histórico com o objetivo de transmitir uma maior variedade ao panorama urbano. Kleiuhues, portanto, adota medidas com o intuito de fazer transparecer o conceito de pluralidade na organização da exposição, como o fato de mesclar projetos de arquitetos alemães e internacionais, que resultou em uma diversidade de conceitos arquitetônicos.

Portanto, segundo Rowe, o pensamento urbano deveria seguir a lógica do permanente enfrentamento entre o novo e o existente, apropriando-se, assim, do caráter fragmentário e contraditório que a cidade contemporânea deveria espelhar, no qual o resgate de estruturas historicamente solidificadas poderia ser conjugado com certas qualidades desejadas pela cidade moderna. Assim, a arquitetura deveria reconciliar-se com a cidade existente, atendendo às demandas reais e afastando-se de modelos idealizados, formando um caminho entre tradição e inovação.

*“A contribuição de Rowe para a IBA deve ser entendida como mais um dos destacados eixos teóricos que esta moveu. Embora a solução do collage seja muitas vezes atribuída ao próprio resultado físico da exposição – um grande mostruário de obras arquitetônicas individuais –, esta pode ser extrapolada a nível conceitual, representando também uma grande colisão de distintos pensamentos acerca da intervenção na cidade existente. Somado a isto, destaca-se a própria condição especial de Berlim, que como cidade dividida e fragmentada não só fisicamente, parece oferecer a Rowe mais alguns elementos sugestivos para o seu jogo de contrastes”.*³³

³² ROWE, Colin. KOETTER, Fred. Collage City. Cambridge: MIT Press, 1978.

³³ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*



Figuras 8 e 9 – Edifícios de Aldo Rossi e Peter Eisenmann.



Figuras 10 e 11 – Edifícios de Rem Koolhaas e John Hedjuk.



Figuras 12 e 13 – Edifícios de Oswald Mathias Ungers.

CONCLUSÕES

*“O mais interessante sobre a reconstrução levada a cabo pela IBA é o retorno ao uso de materiais e estruturas tradicionais da cidade. Naturalmente, o trabalho foi facilitado devido ao fato de que estavam reconstruindo uma parte semi-destruída da cidade, e não tinham que a construir a partir do nada. Apesar de tudo, temos que reconhecer a coragem necessária para tocar em temas potencialmente questionáveis como a reconstrução ao invés da invenção original de um novo tipo de cidade. O único meio de reconstruir uma linguagem urbana é reavaliando e adotando características selecionadas conectadas com o local – os elementos de identidade de uma cidade. (...) Eu acredito que nós tenhamos chegado em um ponto em que a crítica à modernidade deve produzir resultados frutíferos; nós podemos agora reembaralhar as cartas para produzir uma igualdade temporária para o presente e o passado. E é claramente de dois passados que temos que tratar. O futuro – o ponto de referência para qualquer operação crítica – é sempre fruto de mudança e de uma corajosa busca por novos contextos.”*³⁴

Com base no tipo de formulações teóricas acima exposto, no processo da IBA foram analisados os tipos edificatórios tradicionais de Berlim e o tecido da cidade histórica foi reconstruído; contudo, como a sua trama original havia sido transformada como consequência das cirurgias urbanas do pós-guerra, a nova trama foi traçada sem reproduzir necessariamente o seu estado original, ou seja, o princípio geral adotado foi o de ir conformando a cidade segundo sua lógica interna própria, respeitando ao máximo sua situação existente e suas reais necessidades. Assim, de acordo com Paolo Portoghesi, a IBA é um meio de trazer a qualidade de volta ao crescimento da cidade.³⁵

No entanto, os debates contemporâneos apontam para o fato de que a idéia de cidade que Kleihues trouxe à tona em Berlim com o processo da IBA – ao defender a lógica de estender ao máximo a variedade de modelos residenciais através do incentivo à participação de arquitetos de diversas procedências, como Mário Botta, Rob Krier, Richard Meier, John Hedjuk, entre outros – conduziu a natureza dos edifícios e dos espaços construídos a modelos extremamente fragmentados. Isto se deveu ao fato de que o sistema ditado por Kleihues sacrificou a eficácia dos projetos arquitetônicos em favor da ideologia do pluralismo cultural.³⁶

Somado à busca pela pluralidade, ao longo do processo de desenvolvimento da IBA, a procura de Kleihues por estabelecer diretrizes projetuais baseadas no estudo das características de cada contexto de inserção pareciam mostrar-se eficientes como meio de recuperar a identidade e a definição espacial do local. No entanto, segundo debates mais contemporâneos, algumas críticas foram originadas a partir de questionamentos sobre a (im)possibilidade de definição tanto deste

³⁴ PORTOGHESI, Paolo. Op. cit.

³⁵ PORTOGHESI, Paolo. Op. cit.

³⁶ CROSET, Pierre Alain. Op. cit.

contexto quanto da própria identidade das regiões de intervenção da IBA. Assim, a partir da consideração dessas formulações teóricas, a idéia de contextualizar passa a mostrar-se insuficiente frente à enorme diversidade de projetos apresentados.

Apesar de ter relacionado uma grande exposição de arquitetura com os problemas concretos enfrentados pela reconstrução de regiões da cidade, a IBA gerou fragmentos de edifícios e de cidade que apresentam uma enorme carência em termos de integração entre suas partes. *“No entanto, a maior ilusão da IBA talvez tenha sido acreditar que tenha chegado o momento para a cidade construir um passado no qual possa repousar”.*³⁷

Portanto, em todo o processo de debate ocorrido em decorrência da IBA, o que se tornou mais evidente foi a confirmação de que Berlim foi e continua sendo após a reunificação uma cidade de distintas realidades, cuja fragmentação e pluralidade está longe de gerar uma convergência, seja a nível cultural, político ou arquitetônico. Hoje em dia, uma série de fragmentos de diversos conceitos urbanísticos confere seu caráter a diferentes espaços da cidade. A tentativa de se buscar uma solução em arquitetura que traduza qualquer gesto de unidade mostra-se insuficiente para compreender a complexidade que singulariza esta cidade, em suas mais variadas demandas.³⁸

*“Não é tão fácil observar e viver em uma cidade que está sempre no caminho e sempre trabalhando para tornar-se algo mais, sem nunca descansar no seu próprio passado”.*³⁹



Figuras 14 e 15 – Edifícios de Mário Botta e Rob Krier.

³⁷ CROSET, Pierre Alain. *Op. cit.*

³⁸ PASSARO, Laís Bronstein. *Op. cit.*

³⁹ HESSEL, Franz. 1929. Publicado em: Revista Casabella, outubro de 1984.

BIBLIOGRAFIA

- BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Pulo: Perspectiva, 1976.
- DE GRACIA, Francisco. **Construir em lo construído – la arquitectura como modificación**. Madrid: Editorial Nerea, 1992.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- IMHOF, Michael e KREMPEL, Leon; **Berlin. Architektur 2000. Führer zu den Bauten von 1989 bis 2001**. Berlin: Petersberg, Jovis, 2001.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KLEIHUES, Josef Paul. KLOTZ, Heinrich. **Internationale Bauausstellung Berlin 1987. Beispiele einer neuen Architektur**. Stuttgart: Ernst Klett-Cotta, 1986.
- KLEIHUES, Josef Paul. **Internationale Bauausstellung Berlin 1987 – Projektübersicht**. Berlin, 1989.
- KIEREN, Martin. **Neue Architektur, Berlin 1990-2000**. Berlin: Jovis, 1998.
- MONTANER, Josep Maria. **Después del Movimiento Moderno. Arquitectura de la Segunda Mitad del Siglo XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- PASSARO, Laís Bronstein. **Fragmentos de uma crítica: revisando a IBA de Berlim**. Tese de doutorado. UPC: Barcelona, 2002.
- PORTOGHESI, Paolo. **Depois da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes.
- PORTOGHESI, Paolo. **Quality vs Quantity**. Revista Domus, nº 623, dezembro de 1981.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa: Edições Cosmos, 1977.
- ROWE, Colin. KOETTER, Fred. **Collage City**. Cambridge: MIT Press, 1978.
- SCHÄTZE, Andreas. **A Matter for the Polis. Cities, Architecture And The Public In Germany**. Em: KAHLFELDT, Paul; KLEIHUES, Josef Paul; LEPIK, Andres; SCHÄTZE, Andreas. **Josef Paul Kleihues. The Art of Urban Architecture**. Ars Nicolai: 2003.
- SCHULTES, Axel. **Berlin – The Belated Capital**. Em: BALFOUR, Alan.
- SENATOR für BAU- und WOHNUNGSWESEN (Edit.) **Idee, Prozess, Ergebnis: Die Reparatur und Rekonstruktion der Stadt**. Berlin: Frölich&Kaufmann, 1984.
- S.T.E.R.N. GmbH und SENATOR für BAU- und WOHNUNGSWESEN (Edit.) **Internationale Bauausstellung Berlin 1987. Project Report**. Berlin, 1991.
- STIMMANN, Hans. **Von der Architektetur zur Stadtdebatte. Die Diskussion um das Planwerk Innenstadt**. Berlin: Verlaghaus Braun, 2001.
- VENTURI, Robert. **Complexity and Contradiction in Architecture**. New York: MoMA, 1966.
- LEHMAN, Stefen; BECKERATH, Verena von; HEIDE, Tim; NÄHTER, Joachim; SCOTT-BROWN, Denise; VENTURI, Robert; OTTO, Frei; KIESSLER, Uwe; MÜLLER, Cornelia; ALBERS, Bernd; BRENNER, Klaus Theo; HILMER, Heinz; GREGOTTI, Vittorio; HAUS, Andreas; VAN BERKEL, Ben; BODENSCHATZ, Harald; MIRALES, Enric; BRUIJN, Pi de; HADID, Zaha; ALSOP, William; CHRISTIAANSE, Kee; LEON, Hilde; WOHLHAGE, Konrad; DE RUIJTER, Michel; PERRAULT, Dominique; HEMPRICH, Norbert; TOPHOF, Julia; NOEBEL, Walter; SPIEKERMANN, Erik; WILSON, Peter; MACKAY, David; LANGHOF, Cristoph; VON GERKAN, Meinhard; SAUERBRUCH, Matthias; HÄMER, Hardt-Waltherr; KALTENBRUNNER, Robert; e POSENER, Julius. **Berlin, Berlin – Architektur für ein neues Jahrhundert**. Berlin: Nishen, 1995.
- Revista **Architectural Record**, julho de 1989
- Revista **The Architectural Review**, abril de 1987
- Revista **A+U Extra Edition**, maio de 1987
- Revista **Baumeister**, nº9, 1984
- Revista **Casabella**, julho/ agosto de 1981
- Revista **Casabella**, outubro de 1984
- Revista **Domus**, nº 623, dezembro de 1981
- Revista **GA Houses**, nº23, agosto de 1988